

As Artes de Fazer de estudantes indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas: um estudo exploratório

The Arts of Doing of indigenous students of Agrarian and Biological Sciences: an exploratory study

Alessandra Falcão Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
falcaoalexa@hotmail.com

Cecília de Fátima Castelo Branco Rangel de Almeida

Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco
ccastelobranco@yahoo.com.br

Isabela Andrade de Lima Moraes

Universidade Federal de Pernambuco
isabelamoraes.ufpe@gmail.com

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar resultados de uma pesquisa, cujo objetivo foi verificar a adoção das “Artes de Fazer”, na concepção de Michel de Certeau, por estudantes indígenas de graduação quando da adaptação ao cotidiano acadêmico. Os trabalhos foram realizados com alunos e alunas dos cursos de Ciências Agrárias e Biológicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Para tanto, utilizamos um estudo exploratório, bem como adotamos um pré-teste que validou nosso instrumento de coleta de dados. Os resultados indicam que os/as estudantes se reinventam como alternativa de adaptação ao espaço acadêmico e, também, revelam a necessidade de uma melhor compreensão das subjetividades que acontecem dia a dia no *campus*, para que se possa avaliar o processo educacional posto.

Palavras chave: práticas cotidianas, universidade, processo educacional.

Abstract

This article presents the results of a research whose aim is to investigate the adoption of the “arts of doing”, as conceived by Michel de Certeau, by indigenous graduate students during their adaptation to the academic everyday. The subjects of the research were students of the courses of Agricultural and Biological Sciences of the Academic Unit of Serra Talhada (UAST), linked with the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). For this purpose, we used an exploratory study and adopted a pre-test which validated our tool of data collection. Results show that those students re-invent themselves as an alternative of adaptation to the

academy and also reveal the need for a better understanding of the subjectivities that happen day by day on campus, so that the educational process can be evaluated.

Key words: everyday practices, university, educational process.

Introdução

A luta indígena percorre um longo e árduo caminho desde o “descobrimento” da América, que conforme entendimento de Freire (2000), do qual compartilhamos, não se tratou de descoberta e sim de conquista predatória por parte do colonizador, que procurava riquezas para abastecer o Reino e justificou seus atos de violência e extermínio contra a população nativa, alegando, a partir de uma visão etnocêntrica, que se tratava de serem inferiores (FLEURI, 2017).

A situação dos povos originários no transcorrer da conquista das terras brasileiras, não se encontra em pior estado, porque conseguiram que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 reconhecesse “sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”. (BRASIL, 1988)

Nesse sentido, houve um avanço na educação indígena com a promulgação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e quanto à educação superior no âmbito federal, a Lei nº 12.711/12, oportunizou-lhes o ingresso ao ensino superior nas instituições públicas federais. Todavia, a permanência desse grupo na academia costuma ser difícil seja devido a questões financeiras ou a questões culturais.

O presente artigo compõe parte de pesquisa de doutorado cujo objetivo é compreender, como acontece a adaptação desse grupo ao cotidiano acadêmico. Neste momento expomos pesquisa exploratória realizada com estudantes indígenas das Ciências Agrárias e Biológicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Este estudo diz respeito aos povos originários do Nordeste brasileiro, os quais conforme Oliveira(1998) receberam a denominação de “índios misturados”, em consequência de miscigenações que ocorreram da seguinte forma: a primeira mistura ocorrera com as Missões religiosas; a segunda surgido com o estímulo de casamentos interétnicos e a fixação de colonos brancos dentro dos limites dos antigos aldeamentos e a terceira ocorrera devido às mudanças trazidas pela Lei das Terras de 1850, que favoreceu a extinção dos aldeamentos e a incorporação dessas terras a novas vilas e cidades. (OLIVEIRA, 1998, p. 57 e 58)

As práticas cotidianas na ótica de Michel de Certeau

O cotidiano pode revelar em suas entrelinhas praticas quase invisíveis, porém de grande simbologia para quem as está elaborando.

Nesse sentido, foi concebida por um intelectual francês a ideia das “artes de fazer”, também chamadas de “operações dos usuários” ou “maneiras de fazer”:

...a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou seu veículo. Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente. (CERTEAU, 2012, p. 43)

O pensamento acima foi concebido por Michel Jean Emmanuel de la Barge de Certeau, um jesuíta que estudou Filosofia, Antropologia e História. (GIARD, 2012) e que acreditava no poderio criativo do homem ordinário.

Certeau compreendia o cotidiano como:

(...) o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. (...) O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. (...) É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (...) Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história irracional, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível... (CERTEAU, 2012, p. 31).

Para Bittencourt (2012) Certeau partia do princípio de que uma situação de controle não paralisa necessariamente a criatividade humana.

Nesse estudo, trabalharemos com a tática postulada por Certeau que a apresenta como sendo a arte do fraco, que aproveitando uma oportunidade, joga astuciosamente, calculadamente, sutilmente, no terreno do outro (do inimigo) sem que este o perceba, fazendo-o crer em uma pacífica obediência ao que se lhe impõe para consumo. (Certeau, 2012)

Correia (2018) entende que a tática pensada por Certeau se formaliza em atos de pouca elaboração e não possui um estilo dominador.

Compreende-se, nesse pensamento, que o homem ordinário, *in casu*, o/a estudante indígena, pode reinventar o seu cotidiano, quando necessário, sobrevivendo (opondo-se) silenciosamente às determinações, que lhes são conferidas (impostas) pelas instituições educacionais arraigadas de pensamentos coloniais, por meio de táticas. Além dessa inferência, Certeau (2012) defendia uma “metodologia” que também se importasse em conhecer as intervenções dos falantes em circunstâncias de tempo, lugar e competição.

Assim, Giard (2012) apresenta que o que mais interessava a Certeau “eram as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes.” (GIARD, 2012, p. 15). Com isso ele nos apresenta uma nova maneira de pesquisar o cotidiano escolar na qual se deva levar em consideração as subjetividades elaboradas dia após dia e que nos leva a escolher se a escola é um espaçotempo de invenção de vida ou de repetição e morte. (Feijó & outros, 2011)

Para Josgrilberg (2008), a importância de se aprender com Certeau está na necessidade de alimentar a produção de novos saberes que, por vezes, são silenciados pelas diversas relações de poder. (JOSGRILBERG, 2008, p. 104).

Ferraço et al (2017) discorre que, levando em consideração os desafios culturais, Certeau defendia um ensino no qual não tivesse por princípio um conteúdo comum e sim um estilo, para que se ajustasse à heterogeneidade dos estudantes e professores.

Nesse aspecto, Silva & Schuchter (2019) demonstram a importância que deve ser dada às táticas e artimanhas presentes no cotidiano, pois revelam como os usuários organizam um novo espaço, criando e inventando os espaçotempos escolares e, ainda, problematizam: “Como professores e alunos lidam com as diferenças culturais nos cotidianos escolares? Que praticas discursivas e saberes religiosos são produzidos cotidianamente por professores e alunos?”. (SILVA & SCHUCHTER, 2019, p. 64)

Silva & Schuchter (2019) defendem a ideia de um entrelugar onde estudantes e professores expressassem suas ideias, seus significados, suas dúvidas, seus medos, seus anseios, suas

crenças e suas culturas, o qual permitiria “o diálogo tão necessário entre as culturas”. (SILVA & SCHUCHTER, 2019, p. 64)

Baseando-se nessa linha de raciocínio, acreditamos que conhecer o cotidiano acadêmico de forma mais subjetiva, mais próxima da realidade indígena, pode favorecer a construção de um espaço acadêmico menos eurocêntrico.

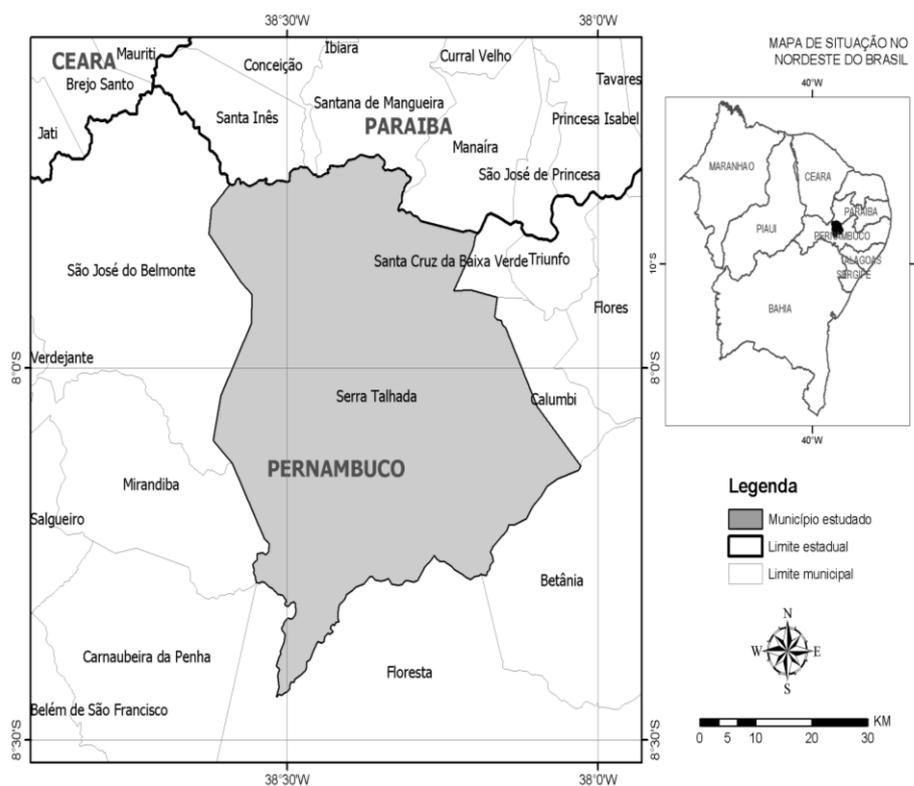
Metodologia

Esta pesquisa baseou-se num estudo exploratório, que nos ajudou a conhecer melhor o ambiente de estudo: a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) vinculada a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e a população a ser pesquisada, bem como nos ajudou a realização de um pré-teste que validou nosso instrumento de coleta de dados.

A UAST, como é conhecida, foi fundada em 23 de agosto de 2006 e fez parte do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

O Município de Serra Talhada (Figura I) está localizado no Sertão do Pajeú e dista 413 km da capital pernambucana.

Figura 1. Localização do município de Serra Talhada, Estado de Pernambuco.



Com o uso dessa metodologia, conhecemos melhor o campo de estudo e a população a ser estudada e foi possível com a elaboração do pré-teste, descobrir que o primeiro instrumento de coleta de dados empregado, a entrevista, não deixava o /a estudante à vontade para contribuir com a pesquisa, o que nos fez optar pelo questionário.

Antes da realização dos trabalhos de campo, para termos uma noção da população a ser estudada, coletamos informações acerca dos/das estudantes indígenas da UAST/UFRPE junto à Pró-Reitoria de Gestão Estudantil (PROGESTI) da UFRPE.

As informações colhidas na PROGESTI nos mostraram que existiam indígenas matriculados na UAST, fato esse que confirmou o que sabíamos de maneira informal até a ocasião do levantamento.

Nesse sentido, Santana (2017) apresenta:

É importante endossar que, apesar da UFRPE-UAST não possuir políticas de cotas específicas para povos indígenas, ainda assim, dada a sua localização geográfica privilegiada, é corriqueiro encontrar estudantes indígenas em sala de aula, notadamente, Kambiwá, Pankará, Atikum e Truká. (SANTANA, 2017, p.121).

Foram realizadas 4 visitas de campo no período compreendido entre julho de 2018 a novembro de 2019, nas quais entrevistamos 2 estudantes de Ciências Biológicas e aplicamos questionários a 4 estudantes das Ciências Agrárias. Na tabela abaixo tem-se os dados gerais do grupo estudado.

Tabela N: 1 - Dados gerais dos(as) participantes

Estudante	Idade	Curso	Período	Etnia
EA	21	Ciências Biológicas	3º	Xucuru de Cimbres / Ororubá
EB	19	Ciências Biológicas	3º	Xucuru de Ororubá
EC	18	Agronomia	2º	Xucuru de Ororubá
ED	20	Agronomia	3º	Atikum Rodelas
EE	Não informou	Ciências Biológicas	7º	Não informou
EF	Não informou	Zootecnia	3º	Não informou

Fonte: Autora

Os/as participantes dos trabalhos assinaram o termo de consentimento concordando com nosso estudo e para preservar as identidades utilizamos letras para designá-los/as.

Por fim, partindo do princípio de que os/as estudantes tiveram dificuldades em sua experiência inicial na universidade, haja vista o pensamento colonial arraigado, buscamos, na aplicação da coleta dos dados, identificar duas situações: se os estudantes utilizavam as “Artes de fazer” e se os meios empregados: entrevistas e questionários, poderiam identificá-las.

Resultados e discussões

Os estudantes são nesse trabalho o que Certeau entendia como sendo o “Outro”.

Ferraço et al (2017) nos apresenta que o Outro assume diferentes configurações nos escritos de Certeau podendo ser o que se esquia, o casual, o súbito, o abandonado o estrangeiro, o que já veio e que ainda estar por vir.

Pudemos observar na entrevista com EA que apesar da dificuldade financeira e da falta de uma maior deferência à população de estudantes indígenas por parte da comunidade acadêmica, que se manteve otimista com o fato de estar na universidade.

Nesse sentido, Giard (2012) apresenta que, para Certeau “são sempre perceptíveis um elã otimista, uma generosidade da inteligência e uma confiança depositada no outro, de sorte que nenhuma situação lhe parece *a priori* fixa ou desesperadora”. (Giard, 2012, p. 17)

Na superação das dificuldades EA narrou que a ausência de conhecimento acerca das questões indígenas, prescinde sua chegada à Universidade e que a partir do momento em que sua cultura é demonstrada por meio dos artesanatos, das expressões culturais como o Toré, as pessoas passam a adquirir o conhecimento faltoso. Portanto, falar de sua cultura passa a ser uma tática que permite enfrentar sentimentos negativos.

Já EB relatou, que para se fortalecer em determinadas situações, associa-se a uma parente de sala de aula, buscando a identificação cultural para superar as dificuldades. Nesse sentido, exemplificou que numa apresentação, em sala de aula, acerca de beberagens e fermentados, apresentaram as beberagens indígenas: cauin e caissuma.

Quanto à escolha do curso percebemos em EC, ED e EE a influência do campo e da natureza por estarem presentes em suas vidas.

Para Certeau (2012), a tática aproveita os momentos e as expectativas oferecidas num dado período e é o que extraímos das narrativas apresentadas acima pelos/as participantes,

Ferraço et al (2017) discorre que, levando em consideração os desafios culturais, Certeau defendia um ensino no qual não tivesse por princípio um conteúdo comum e sim um estilo, para que se ajustasse à heterogeneidade dos estudantes e professores.

Considerações finais

A partir de nossos resultados, verificamos que diante das dificuldades os/as estudantes reinventam-se e mesmo sem saber, utilizam as táticas certeunianas, que os/as ajudam a consumir o que lhe é oferecido da melhor forma possível, o que neste contexto seria um sistema educacional pensado e construído para uma população não multirracial.

Assim, compreendemos que o espaço universitário necessita libertar-se de padrões eurocêntricos enrustidos, que não se comunicam com a herança cultural recebida por nossa sociedade.

Nesse aspecto, perceber o cotidiano com as subjetividades dos praticantes permite analisar as relações existentes na universidade revelando a importância de uma melhor compreensão do dia a dia no *campus*, para que se possa avaliar e interferir no processo educacional posto.

A importância deste trabalho está em contribuir com o estudo da temática indígena nordestina na universidade, que já se mostrou precária, e, ainda, com base nas práticas cotidianas de Michel de Certeau oferecer uma outra maneira de se olhar e pensar o cotidiano num ambiente universitário.

Referências

BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. Michel de Certeau 25 Anos Depois: Atualidade de Suas Contribuições para um Olhar Sobre a Criatividade dos Consumidores. **Polêmica**, v. 11, n. 2. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/rt/printerFriendly/3091/2210>. Acesso em: 22 mai 19.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 14 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 12 maio 20.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 20 maio 19.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 19 ed. Trad. ALVES, E. F. Petrópolis: Vozes, 2012.

CORREIA, Eanes dos Santos; SILVA, Veleida Anahi da; NASCIMENTO, Willdson Robson Silva do. O que fazer com o que a escola faz com meu corpo. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n.50, p. 115-139, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14733>. Acesso em: 13 jun. 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. **Pedagogia y Saberes**. Nº 43. Universidade Pedagógica Nacional Facultad de Educacion, p. 7-17, 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Revista de Educação Pública**. Aprender com os povos indígenas. Cuiabá, v. 26, número 62/1, mai/ago 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995>. Acesso em: 18 /jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, p. 63, 2000. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Pedagogia-da-indigna%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 23 mai 2019.

GIARD, Luce. **História de uma pesquisa**. IN: CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JOSGRILBERG, Fábio. Michel de Certeau e o Admirabile Commercium de Sentidos na Educação. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática** - v. 18, n.30, jan.-jun.-2008, p.95-105. Disponível https://www.researchgate.net/publication/237481782_Michel_de_Certeau_e_o_Amirabile_Commercium_de_Sentidos_na_Educacao. Acesso em: 04 fev 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**. vol.4, n.1. Rio de Janeiro. 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100003. Acesso em: 13 mar 2020.

SANTANA, P. Práxis Antirracista, Descolonização das Mentes e a Questão Indígena em uma Instituição Federal de Ensino Superior do Sertão Pernambucano. **Revista Antropológicas**. p. 112-140, 2017.

SILVA, Sandra. Kretli da., SCHUCHTER, Teresinha Maria. A escola como território de circulação das diferenças: práticas e saberes religiosos em pauta. **Momento - Diálogos em Educação**, Rio Grande/RS. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8759>. Acesso em: 17/08/2020.